

O Nascimento de Otelo¹

Francielle Kelner Fernandes QUINTEIRO²

Edilberto Vinícius Brito NASCIMENTO³

Maria Eduarda Ribeiro ESTEVES⁴

Bruno Pedrosa NOGUEIRA⁵

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

O trabalho que resultou na reportagem de jornalismo impresso intitulada “O nascimento de Otelo” surgiu com o objetivo de abordar a vida e a obra do ator Sebastião Bernardes de Souza Prata, o Grande Otelo, cujo centenário ocorreu no segundo semestre do ano de 2015. O desenvolvimento do projeto foi guiado por manuais e livros de jornalismo, com foco no jornalismo impresso especializado na área de cultura. O processo de apuração envolveu pesquisa bibliográfica e entrevista a artistas, produtores culturais e especialistas na vida do ator e na representação negra nas artes, também compreendendo a produção de “O nascimento de Otelo” a seleção de fotografias e a diagramação da peça jornalística.

PALAVRAS-CHAVE: Reportagem; Jornalismo Impresso; Grande Otelo; Cultura.

INTRODUÇÃO

Considerado o maior artista negro da história brasileira, Grande Otelo se considerava versátil e era humorista, escritor, cantor e compositor. O artista uberlandense Sebastião Bernardes de Souza Prata completaria 100 anos no ano de 2015 e deixou um vasto legado na dramaturgia brasileira. Além de brilhar nos palcos, Otelo também se tornou símbolo da luta contra o racismo no Brasil.

Otelo era negro, filho de ex-escravos e de origem humilde. Ele protagonizou uma série de produções de dramaturgia numa época em que o racismo era escancarado e tido como institucionalizado. O mineiro deu início a carreira no teatro como um dos atores da

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Jornalismo Impresso.

² Graduanda do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); e-mail: ceukelner@gmail.com.

³ Graduando do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); e-mail: viniciusdebrito@ymail.com.

⁴ Graduanda do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); e-mail: dudaribeiro90@gmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); e-mail: bnogueira@gmail.com.

Companhia Negra de Revista, que foi uma das pioneiras na inclusão de atores negros em espetáculos teatrais.

No centenário do Grande Otelo, celebrado no dia 18 de outubro de 2015, a reportagem “O nascimento de Otelo” resgata a trajetória do artista em suas principais atuações na sua vasta carreira. A grande reportagem também reflete como Otelo superou sua condição social singular, lutou contra o racismo escancarado com o seu talento e faz uma análise de como o negro ainda é representado na televisão, no cinema e no teatro brasileiro no século 21. Para entender sobre a representatividade do negro enquanto atores, atrizes e produtores de conteúdo no cenário brasileiro atual, a reportagem realizou entrevistas com artistas, produtores de teatro, atores da televisão e do cinema, além de realizar uma série de pesquisas bibliográficas que abordam o assunto.

OBJETIVO

O objetivo geral da reportagem "O nascimento de Otelo" é contar a história de vida e reportar a trajetória artística do ator Grande Otelo – desde o nascimento dele no estado de Minas Gerais até os trabalhos mais renomados no teatro e no cinema –, usando fonte bibliográfica e fontes primárias ligadas ao mundo das artes cênicas.

Como objetivos específicos, têm-se (a) verificar como o negro é representado nas artes a partir de Otelo e depois da morte do artista; (b) apurar com especialistas do cinema, teatro e televisão sobre a representação negra ao longo do século 20 e começo deste século 21; e (3) buscar novas vozes da cultura negra.

JUSTIFICATIVA

A Constituição Federal (1988), apesar de regular que publicações em veículo impresso de comunicação independem de licença de autoridade, obriga que a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atendam aos princípios como a preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; e à promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação (BRASIL, 1988).

Em “O nascimento de Otelo”, estendendo o que define a Constituição Federal à mídia impressa, pretende-se estimular, desde a experimentação de um produto realizado por

estudantes de uma universidade pública, a divulgação da cultura, priorizando a crítica e a reflexão acerca de características da sociedade brasileira, como os papéis artísticos do negro ao longo do tempo no teatro (para se ter uma ideia, o Brasil apenas viu a primeira atriz negra no teatro em 1945, com apresentação de Ruth de Souza no Teatro Municipal do Rio de Janeiro), cinema e televisão.

O trabalho também se justifica na função que o jornalismo exerce em relação à sociedade, já que “o Jornalismo contribui para a construção social da realidade e não é um espelho do real. Ou seja, o Jornalismo não reproduz o real, é uma interpretação social dele que procura se aproximar da verdade dos fatos” (PEREIRA JR., 2011, p. 8). Nesse processo de construção social da realidade, pensa-se que “o Jornalismo, preocupado com a ética profissional, possa atuar e contribuir para uma perspectiva de emancipação de homens e mulheres” (PEREIRA JR., 2011, p. 51).

Acredita-se, ainda, aqui que “o jornalismo é uma forma de comunicação em sociedade. A principal função do jornalismo, nos estados democráticos de direito, é a de manter um sistema de vigilância e de controlo dos poderes. Esta vigilância exerce-se através da difusão pública de informação” (SOUZA, 2001, p. 13), pois

Seja como for, o jornalismo, como ainda hoje o concebemos, é uma poderosa e complexa estratégia de comunicação social. É tão poderoso que se pode equiparar aos poderes Executivo, Legislativo e Judicial, sendo frequentemente apelidado de Quarto Poder (...) Há, finalmente, autores que defendem que, mais do que um Quarto Poder, o jornalismo é um espaço onde se representam, comunicam e digladiam os restantes poderes, por vezes insidiosamente, funcionando como o "quarto do poder", na feliz expressão de Ricardo Jorge Pinto. Do nosso ponto de vista, o jornalismo é um pouco de tudo isso, mas é um poder que tem de se legitimar continuamente pelas suas práticas, já que não tem suporte constitucional explícito, ao contrário do que sucede com os outros poderes (SOUZA, 194-195).

Em especial, Marques de Melo (1991) fala que a especialização do jornalismo cultural, na qual a reportagem “O nascimento de Otelo” se enquadra, pressupõe uma demanda da sociedade por temas circunscritos a essa área. Uma necessidade que extrapola o âmbito privado de um sujeito se informar e resvala na sociabilidade desse sujeito com os pares na sociedade. É à luz dessa discussão que a presente reportagem parece se justificar, para usar a potência do jornalismo (e do jornalismo cultural), em relação à sociedade e a sociabilidade que a Comunicação implica, para pensar a representação negra na cultura, assim como dar conta das novas vozes que representam artisticamente o negro na mídia e fora dela.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A reportagem em meio impresso “O nascimento de Otelo” recorreu a livros e manuais sobre a técnica por trás da construção e finalização (pauta, pré-produção, apuração, produção de texto, edição e diagramação) do projeto. Para tal, entende-se que o principal objetivo de uma reportagem é “informar com profundidade e exaustividade, contando uma história” (SOUZA, 2001, p. 259). Souza afirma que no “gênero nobre do jornalismo”,

procura-se ainda que o leitor “viva” o acontecimento. Para o conseguir, a reportagem pode abrigar elementos da entrevista, da notícia, da crônica, dos artigos de opinião e de análise, etc. Desta perspectiva, pode considerar-se a reportagem um gênero jornalístico híbrido, que vai buscar elementos à observação directa, ao contacto com as fontes e à respectiva citação, à análise de dados quantitativos, a inquéritos, em suma, a tudo o que possa contribuir para elucidar o leitor. (SOUZA, 2001, p. 259)

A equipe que realizou “O nascimento de Otelo” decidiu fazê-lo em terceira pessoa, escolhendo principalmente a descrição como modo de enunciação. De acordo com Souza (2001), o texto jornalístico baseia-se, geralmente, na descrição, nas citações, na análise e na opinião. “O enunciado jornalístico, por consequência, pode ser descritivo (englobando as citações), analítico ou opinativo. Geralmente, os jornalistas recorrem à descrição, às citações e à análise, deixando a opinião para colunistas, especialistas e opinantes” (SOUZA, 2001, p. 124-125). O autor escreve que uma reportagem pode ser construída, porém, com base em vários tipos de enunciação. “De qualquer modo, pelo menos um dos tipos de texto está sempre presente: o descritivo. (...) [pois] não se podem analisar acontecimentos, ideias e factos ou opinar sobre eles sem se referirem quais são esses acontecimentos, factos e ideias” (SOUZA, 2001, p. 124-125).

Em relação à classificação dessa reportagem, “O nascimento de Otelo” é o que Souza (2001) chama de “Reportagem de personalidade”, quer dizer, uma reportagem “cujo tema central é uma pessoa, relatando, por exemplo, a sua vida (reportagem biográfica), o seu dia a dia, etc.” (SOUZA, 2001, p. 260). Mas “a reportagem é um gênero jornalístico híbrido, que pode ir buscar elementos ao contato com as fontes, à consulta de especialistas, ao exame de documentos, à análise de estatísticas, à realização de inquéritos, etc.” (SOUZA, 2001, p. 264).

Como a dita reportagem foi pensada para ser veiculada em uma edição/editoria de Cultura, pesquisou-se também sobre o jornalismo cultural. O que é jornalismo cultural? Como surgiu essa especialização? O que compreende esse jornalismo? Foram algumas

indagações do grupo de estudantes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) antes de efetivamente ir a campo recolher informações sobre o tema central da peça jornalística, o ator Grande Otelo. “A imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe” (PIZA, 2009, p. 45).

Já Melo cita Morin (2001) sobre Jornalismo Cultural: “A função do Jornalismo Cultural é revelar de forma clara e acessível ‘que, em toda grande obra, de literatura, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana’ (MORIN, p. 45, 2001). Eis aí a força narrativa do jornalismo e sua função social” (MELO, sem data, p. 8).

No mundo, “um marco do princípio do jornalismo cultural, não uma data inicial, é 1711. Foi nesse ano que dois ensaístas ingleses (...) fundaram uma revista diária chamada *The Spectator*” (PIZA, 2009, p. 11). A autora aponta que “no Brasil, o jornalismo cultural só se consolidaria dois séculos depois, mas nasce bem representado por Machado de Assis (1839- 1908) e José Veríssimo (1857-1916)” (MELO, sem data, p. 2), mas será apenas a partir dos anos 1950 “que os jornais impressos brasileiros criariam o caderno de cultura como seção obrigatória em suas edições diárias e, especialmente, no fim de semana. Quem inaugura tal seção de forma pioneira é o Jornal do Brasil em 1956, com o ‘Caderno B’” (MELO, p. 2).

Para concluir, Melo assegura que o jornalismo cultural “faz chegar a muitos o que estava restrito a poucos e que possui, nessa mediação, uma responsabilidade profissional acrescida da necessidade de uma formação humanística sólida, ciente da necessidade da codificação de uma realidade complexa, traduzindo-a em formas acessíveis e democráticas” (MELO, sem data, p. 8).

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

"O Nascimento de Otelo", produto da disciplina de Jornalismo Cultural, ministrada pelo professor Bruno Nogueira na Universidade Federal de Pernambuco, divide-se em três matérias. A primeira fala sobre a vida e obra de Sebastião Bernardes de Souza, ator de mais de cem filmes, além de telenovelas, como a primeira versão de Sinhá Moça (1986). A matéria é dividida em duas colunas de 80mm x 188mm, fonte Cambria, tamanho 14pt. A escolha da fonte segue a premissa de que serifas leem-se melhor, como foi defendido pelo

escritor Ole Lund no livro "Por que serifas ainda são importantes?", em tradução livre, publicado em 1997. Para obter as informações precisas, a equipe do trabalho consultou o jornalista e biógrafo Sérgio Cabral. Estão dispostas na página, ainda, fotografias que mostram o Grande Otelo em cena. Todas as fotos são reproduções da web.

"A representação da cor" é o destaque desta grande reportagem, pois aborda o papel problemático do negro na teledramaturgia, no cinema e no teatro. Foram entrevistados atores, produtores e pesquisadores da área para falar sobre a importância da representatividade. Também é feita uma importante reflexão: por que os negros estão por trás das câmeras, servindo como suporte para o branco, e não protagonizando? Quanto ao estilo, o texto é dividido em cinco colunas, também com fonte serifada. A fotografia que abre a matéria foi retirada do filme Ventos de Agosto, no qual a atriz negra Dandara é protagonista. Outros filmes, como "Cidade de Deus", "Carandiru" e "Cidade de Deus" também serviram para ilustrar a matéria e tornar a leitura mais fácil.

A terceira e última matéria trata sobre um tema pouquíssimo discutido no Brasil: o blackface - ato de pintar a pele de carvão para fazer chacota do negro. A matéria foi colocada em um fundo preto, justamente para conversar com o tema. O branco da fonte foi suavizado para não cansar a vista do leitor, como indicam especialistas na área. Como exemplos de blackface, foram expostos os seguintes casos: a Adelaide, do programa humorístico Zorra Total (Rede Globo) e o Africano, do programa Pânico (Rede Bandeirantes). No último caso, o ator escurece a pele para zombar de religiões de matriz africana, simulando rituais de conjuração. Já a Adelaide, além de toda a caracterização racista, ainda profere discursos problemáticos, comparando o cabelo de um negro a uma esponja de aço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reportagem "O nascimento de Otelo" se apoiou na função do jornalismo (em versão impressa) frente à sociedade atual para jogar luz a um tema que ainda carece de reflexão: a representação artística do negro. Os estudantes experimentaram a linguagem do jornalismo impresso e, além disso, foram buscar informações em fontes bibliográfica e especialistas de diversas áreas (como o cinema e o teatro) para entender como a cultura brasileira vem revelando o negro, cuja etnia é maioria no Brasil. A todo momento, buscou agir com a ética do jornalismo sem esquecer a criticidade que o tema envolvia, já que a

representação do negro na cultural não é uma causa atual que está desvinculada a uma historicidade da ocupação de espaço por negros na sociedade brasileira.

Em termos acadêmicos e profissionais, realizar a reportagem também possibilitou aos autores aprender mais recursos de redação, edição e diagramação jornalísticos, podendo-se exercitar temas já trabalhados em sala de aula no decorrer do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco.

Frente a uma possível representação negra carregada de estereótipos (como falou a atriz Dandara de Moraes à reportagem e outros artistas), o projeto “O nascimento de Otelo” procurou rever esse contexto e pontuar, a partir da figura de Grande Otelo, possíveis mudanças na representação dessa etnia no país. Mas é também necessário frisar a importância que essa discussão deve ter na mídia e em outros poderes/instituições da nossa sociedade, para que em um futuro se possa chegar a uma melhor visibilidade do negro em cena na televisão, teatro, cinema etc.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

MARQUES DE MELO, José. **Indústria cultural, jornalismo, jornalistas**. Intercom: Revista Brasileira de Comunicação, ano 14, n. 65, p. 20-29, 1991.

MELO, Isabelle Anchieta de. **Jornalismo Cultural: Pelo encontro da clareza do jornalismo com a densidade e complexidade da cultura**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-jornalismo-cultural.pdf>. Acessado em: 20 de maio de 2016.

PEREIRA JR., Alfredo Eurico Vizeu. **Por uma teoria social do campo jornalístico: o construtivismo do jornalismo**. Porto Alegre: 2011, 68 p.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 3ª ed. São Paulo: Contexto. 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto, 2001, 542 páginas.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. Porto: Ed. Universidade Fernando Pessoa, 2006. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf>. Acessado em: 20 de maio de 2016.